



Eu curto... eu gosto dos Lusíadas, de Alexandre Honrado – o poema em pedaços repartido

M. Fátima M. Albuquerque

Universidade de Aveiro

Palavras-chave: adaptação, versão, epopeia, literatura infanto-juvenil, popular, fragmentário, resumo, condensação.

Key-words: adaptation, version, epic, children's literature, popular, fragmentary, summary, condensation.

Foi no ano de 2002 que foi publicada a última adaptação d'*Os Lusíadas* de Luís de Camões. Esta nova versão, *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas*, enfrentava o difícil desafio de apresentar o poema camoniano às crianças do 1º ciclo do Ensino Básico, preenchendo uma lacuna há muito sentida pelos docentes desse grau de ensino, que pretendiam complementar a formação de língua portuguesa dos seus pequenos alunos.

Esta adaptação é da autoria de Alexandre Honrado, um autor de Literatura Infanto-juvenil muito popular entre o público infantil e que, através de múltiplas actividades, como jornalista, guionista, professor, investigador, tem escrito Literatura para a Infância, manuais escolares, letras de canções, peças de teatro, guiões televisivos. O sucesso de toda esta sua produção denota um talento indiscutível para perscrutar as necessidades e as fantasias do público mais jovem, assim como trabalhar com hipotextos¹ que transforma em hipertextos de qualidade. Como acontece com muitos escritores que se dedicam à matriz literária infanto-juvenil, Alexandre Honrado sabe produzir a resposta adequada para um mercado altamente competitivo e que pretende

¹ Vou recorrer à classificação de Genette (1989: 17) que define assim hipertexto: «todo o texto derivado de um texto anterior por transformação simples (...) ou por transformação indirecta». (tradução da minha autoria).

aliciar um leitor que não faz concessões ao autor, sendo sempre criticamente avaliativo e imediatista.

Eu curto... eu gosto dos Lusíadas é então a última adaptação/versão de um dos textos portugueses mais difundido no mundo e que por isso mais foi sujeito a sucessivas reescritas. O poema original, publicado em 1572 em Lisboa por António Gonçalves, tem duas impressões imediatas em português, cada uma de 22 exemplares. Logo em 1580 é traduzido para espanhol em duas adaptações, uma intitulada *La Lusíada* e outra *Los Lusíadas* e depois vai sendo traduzido em diversas versões para o italiano, o francês, o inglês, o alemão, assim como o polaco, o russo e mesmo o chinês. Em qualquer das línguas europeias há muitas traduções simultâneas, documentando diversas variantes, o mesmo sucedendo em Portugal, onde se multiplicam os pastiches e as imitações da obra. Variadas versões em verso, em prosa, de diferentes extensões, «com argumentos» de diversos autores, com aparatos críticos explicativos, inundam o mercado durante os últimos quatro séculos. De um modo geral, podemos dizer que a extensão do poema original (8816 versos) levava os autores, tanto portugueses que procediam a adaptações, como os estrangeiros pretensos tradutores, a entregar-se a uma selecção de episódios, reduzindo o texto original e simplificando-o consideravelmente; esta redução do poema podia ter a forma de mera supressão de alguns recursos estilísticos ou de versos considerados mais redundantes, ou podia chegar até ao corte significativo de episódios, desagregando o texto original. A maioria das vezes, este último recurso, resultado de uma abordagem através de alguns fragmentos, tinha a finalidade de valorizar a experiência histórica múltipla e complexa da epopeia original, mantendo a interpretação global do mundo, apenas exemplificada através de episódios significativos. Evitavam-se deste modo as rupturas e as distorções graves, podendo apenas acusar os autores de alguma subjectividade quando procederam à apropriação do texto original.

Contudo, alguns autores, nacionais e estrangeiros, recorrem a uma selecção mais radical e mais redutora, como acontece no caso do francês Sulpice de Barrault que, no século XVIII, publica em França uma nova versão de *Os Lusíadas* reduzidos a dois episódios: Inês de Castro e o Adamastor e, apesar de ser clara a intenção do autor – documentar um episódio lírico e um épico –, o texto perdeu a respectiva unicidade efectiva e a construção fragmentária deixou de contribuir para facilitar a leitura complexa da mundividência camoniana.

No fundo, este procedimento de apropriação e de fragmentação empreendido por muitos autores de um texto segundo, oriundo da epopeia camoniana, era facilitado pelo facto de o poema ser sentido como uma «epopeia secundária». Segundo vários estudiosos de renome do século XX², há que proceder a uma clara distinção entre os

² Referimo-nos a Frye (1976) e a Bakhtin (1981), por exemplo.

poemas épicos primários e os poemas épicos secundários, sendo os épicos primários poemas que saíram de culturas em que o *ethos* heróico militar ainda era exclusivo; ao contrário, os poemas épicos secundários provêm de culturas altamente literárias, mesmo elitistas, em que as epopeias primárias são muito veneradas. Neste último caso, o mundo social e político dos poetas, como Camões, tinha-se tornado muito complexo, para que o simples espírito bélico fosse aceite como uma finalidade em si. Aliás, segundo N. Frye (1976: 15), este tipo de epopeia secundária, que sem dúvida ainda continuava a ser definida por uma conjugação da aventura com o maravilhoso, desenvolvia também uma procura dual, em que se enfatizava uma identidade individual, através de um retorno à imagem observada do *ethos* do guerreiro. Assim se recria «a national celebration», que leva a que estas epopeias secundárias, nomeadamente *Os Lusíadas*, sejam sentidos como pertença colectiva. Afinal os dois eixos que Fernando Gil (1998: 15-20) indica como organizadores fundamentais desta nossa epopeia – o eixo da fundação e o eixo da viagem –, são recorrentemente sentidos como essenciais para a identidade nacional portuguesa e portanto são activados periodicamente.

Não pretendo aqui estudar as diversas adaptações feitas do texto camoniano e muito menos compará-las, já que se tornaria um procedimento de extensão incomportável. Antes, apresentar uma adaptação em particular *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas* (Honrado, 2002), começando por justificar o procedimento usado pelo escritor Alexandre Honrado: segundo os estudiosos supracitados, é sentido como natural proceder-se a diversas variações sobre os temas das epopeias secundárias, especialmente através das versões *ad usum delphini*. Estas adaptações exigem ao autor que as faz, antes de mais nada, uma opção intencional, marcando objectivos (morais, pedagógicos, etc.) para um tal empreendimento, assim como assumindo que há mecanismos espontâneos na adesão à leitura de qualquer texto, como um afastamento das descrições, um aligeiramento dos discursos pesados, uma clara relutância em aceitar um estilo digressivo e sobretudo uma atracção natural de qualquer leitor pelos episódios de aventuras dinâmicos e mais intensos.

Partindo desses pressupostos, o autor/adaptador tem de conhecer em profundidade o hipotexto, passando por um momento importante de apropriação, em que, a meu ver, se adapta conceptualmente o texto com os seus marcadores de uma época literária e cultural, ao momento histórico e ao gosto vigente. Só depois disso ocorre o processo de supressão e este, no que diz respeito às adaptações mais conhecidas de *Os Lusíadas*, pode subdividir-se nos seguintes procedimentos: um primeiro, de supressão por amputação, em que episódios inteiros são omitidos; outras vezes, dá-se uma supressão através de cortes múltiplos e frequentes ao longo do texto, elidindo os discursos redundantes ou que impedem o leitor actual de acompanhar este novo texto. Neste caso a redução de diversos recursos estilísticos, especialmente figuras de estilo, tem como

finalidade expurgar o hipertexto de traços epocais que poderiam causar estranhamento ao público leitor.

Um outro processo de adaptação corrente é a condensação, em que se abrevia ou resume passagens do hipotexto, complementando-as com transcrições directas³. Procede-se assim a uma contracção textual, seleccionando implicitamente os trechos do hipotexto que se consideram como intocáveis, separando-os daqueles outros, menos relevantes, e portanto passíveis de resumo.

A jeito de introdução, gostaríamos de lembrar que a obra *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas*, de Alexandre Honrado, é um texto que se insere na Literatura Infanto-juvenil e esta, em todo o mundo, recorreu a versões modificadas das grandes obras literárias, servindo-se dessas adaptações para a juventude, para preparar os mais novos para a leitura dos textos clássicos e incontornáveis das literaturas nacionais: por isso, o D. Quixote, esvaziado dos seus múltiplos discursos literários, Walter Scott e Fenimore Cooper, sem as suas informações históricas, Júlio Verne, sem as suas tiradas descritivas e pedagógicas, continuam a fornecer a aprendizagem de leitura de muitos jovens leitores ocidentais, familiarizando-os com modelos e matrizes mais cultas do texto literário.

Daí que esta versão d' *Os Lusíadas* para crianças não seja excepção, ou mesmo que nos surja como uma experiência pioneira, visto que, já durante a Primeira República, o pedagogo João de Barros (1978) tinha adaptado a nossa epopeia, tornando-a mais compreensível a um público infanto-juvenil. Este texto republicano, criado especificamente para a infância, estrutura-se à volta de uma forte carga ideológica, não só se preocupando com instilar noções de grandeza da Pátria, mas também evitando tudo o que podia chocar ou ofender o pequeno público. Em consequência, encontramos um texto fundado numa perspectiva expansionista, muitas vezes com toques de racismo e em que o ético se perde um pouco na moral religiosa, suprimindo as mais líricas experiências da «ilha dos amores», assim como algumas imagens algo ambíguas da deusa Vénus, por exemplo. Por isso, e apesar da linguagem límpida e com toques de poético, esta primeira adaptação para a infância envelheceu e ficava de novo por fazer «levar para o século XXI o que o pobre Luís Vaz emanou para o século XVI (...). Era preciso então que um qualquer escritor do século XXI empreendesse um retorno: domar a lusa antiga musa e dar-lhe um efeito especial (...): produzir uma obra divertida que fizesse os mais jovens entender o rumo do grande poema camoniano», explica

³ Foi este o processo que António Sérgio utilizou para elaborar a adaptação pedagógica que, a nosso ver, é a mais adequada a alunos do ensino secundário: *Luiz de Camões, Os Lusíadas* (1940). A organização estrutural da adaptação é anunciada pelo autor em subtítulo: «Os seus mais belos trechos, apresentados em inserção num resumo do poema».

⁴ Entrevista concedida via e-mail pelo escritor a alunos de Mestrado em Estudos Portugueses, durante o ano lectivo de 2005/06.

Alexandre Honrado numa entrevista⁴.

Assumindo como público-alvo crianças do 1º ciclo, Alexandre Honrado vai passar uma semana com os alunos de uma escola primária, referidos como «os descobridores», trabalhando o texto camoniano e obtendo a adaptação, que nos apresenta na obra em estudo. Em anexo, o autor introduz uma biografia cuidadosa de Camões, assim como algumas notas sobre a estrutura interna e externa da epopeia, identificando as quatro partes fundamentais do seu desenvolvimento: proposição, invocação, dedicatória e narração. Depois, passa à organização da própria narração (Honrado, 2002: 140-143), fundada em quatro planos diversos: o plano da viagem, o plano mitológico, o plano da História de Portugal, e o plano das considerações do poeta. Estes anexos, de teor informativo, são apresentados numa linguagem simples, muito viva e com uma expressão conceptual organizada e sistemática. Claramente, o autor pretende complementar o texto literário com informações pertinentes sobre Camões como o grande poeta português, a época cultural em que ele viveu, assim como destacar os seus traços de originalidade e engenho.

Igualmente de grande importância para a interpretação da obra *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas* é a utilização de diversos elementos paratextuais, especialmente inseridos na capa, assim como através das ilustrações incluídas no próprio texto. Quanto à capa, encontramos em grande destaque o título da obra, em que a expressão de calão juvenil «eu curto», expressa mas censurada com um risco, é substituída por outra mais geral: «eu gosto». No fundo, os dois lexemas têm o mesmo significado, mas a ênfase na linguagem corrente torna a declaração de adesão mais abrangente, e mesmo menos discutível, além de indiciar para o pequeno público-alvo, limitações no uso da língua de acordo com os contextos.

Passando agora para as ilustrações da obra, e tendo em vista que foram desenhadas por um dos «descobridores», o Sérgio Pires, vemos que servem de abertura a cada um dos capítulos: a imagem integrada é uma representação gráfica do episódio central desse mesmo capítulo, preparando o pequeno leitor para o texto escrito que se segue. Cada capítulo encerra, aliás, com um resumo elaborado pelo próprio Alexandre Honrado, em que se faz uma revisão da informação que foi veiculada no capítulo que acaba de terminar.

Uma primeira abordagem comparativa entre a obra de Honrado e *Os Lusíadas* de Camões revela-nos uma diferença imediata que advém do facto de a epopeia camoniana ser em verso (ter 8816 versos) e esta adaptação para crianças ser em prosa e quantitativamente ser bem mais curta, visto que cobre apenas pouco mais de 100 páginas. Contudo, a versão de Alexandre Honrado, além de ser prosificada, também integra quadras populares, com a frequência de uma por página. Através desse mecanismo, o autor deste hipertexto insere-se numa tradição nacional, sobretudo representada por Teófilo Braga, que relacionava constantemente o gosto da criança com

as competências populares, como é visível na adaptação d'*Os Lusíadas* de um seu contemporâneo, João de Barros, que atribuiu ao seu hipertexto o subtítulo: «contados às crianças e lembrados ao povo».

As quadras introduzidas por Alexandre Honrado na sua versão não acrescentam informação ao novo texto em prosa; antes, servem de interregno lírico, reforçando o tom do episódio, ou divagando sobre o tópico recém-apresentado. A primeira quadra, por exemplo, surge logo na primeira página, seguindo-se à menção da partida dos portugueses, «esse punhado de aventureiros a querer inventar o mundo»:

Vai o meu sonho a vogar
Empurra a brisa do céu.
Marinheiro faz-se ao mar
Fica em terra um amor seu. (ibid.: 9)

O texto é também encerrado por quadras, que vêm insistir no que acabou de ser profetizado por Tétis, nomeadamente que Portugal é uma grande nação, e sugerindo que os Portugueses ainda podem ter «bons momentos históricos»:

O meu país marinheiro
Atraca sonhos vadios,
Ele que já foi o primeiro
Vive em terra a ver navios.
O meu país Portugal
Deu-me a mim o maior bem
Uma língua um sinal
E uma terra por mãe! (ibid.: 129)

A meu ver, é através destas pequenas quadras que o autor Alexandre Honrado melhor cumpre uma das finalidades a que se propõe: «manter acesa a alegria da cultura portuguesa – essa sim, a mais fascinante aventura de todos os descobrimentos»⁵. A inserção destes pequenos momentos em verso não quebra a estrutura interna da obra, convertida agora num emocionante romance de aventuras, contando as atribulações da vida dos heróis que fazem uma viagem de descobrimento, essencial para o destino glorioso do seu povo.

À primeira vista, a estrutura organizacional desta adaptação de Honrado é paralela à d'*Os Lusíadas* de Camões, já que o poema épico camoniano está dividido em 10 cantos e a versão agora em estudo organiza-se em 10 capítulos. Contudo, essa aproximação é mais aparente do que real, visto que, nesta nova versão, não só há cantos d'*Os Lusíadas* que se espalham por mais de um capítulo do hipertexto, como há outros cantos que são

⁵ Depoimento do autor inserido na contracapa da obra *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas*.

condensados, ficando reduzidos a uma pequena parte dos capítulos. De um modo geral, parece-nos mesmo que a estratégia de organização textual foi alterada, passando de uma sistematização bem rígida, como aquela que Camões impôs, para uma perspectiva mais livre, que permitia que os diversos episódios surgissem quando vinham a propósito e não necessariamente integrados na cronologia histórica. Assim acontece, por exemplo, com algumas figuras femininas da nossa História, mais propriamente da primeira dinastia, que se deslocam para o capítulo 2 (ibid.: 40 e 41), logo a seguir ao diálogo entre Júpiter e Vénus, servindo para documentar a pertinência da cumplicidade entre pais e filhos (D. Maria /Afonso IV). Esta menção de amor filial torna oportuno o alargamento do tema a outras figuras femininas de importância vital para a nossa História, igualmente marcadas pelo amor: Inês de Castro e D. Leonor Teles.

Talvez para evitar o risco de, escrevendo para crianças, o autor da nova versão produzir uma variação sobre o tema e não uma reescrita próxima, Honrado insere com alguma frequência transcrições integrais de versos da epopeia, com a menção do canto, estrofe e versos respectivos. Estas reproduções do hipotexto de extensão sempre curta (de dois a quatro versos) ajudam a reaproximar o hipertexto do texto original, obrigando os episódios em que estão integrados a ajustar a sua organização e desenvolvimento ao hipotexto camoniano. A primeira transcrição do poema épico em *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas* surge na página 40 quando Vénus, numa passagem de grande emoção, avisa seu pai da necessidade de ajudar os portugueses, cumprindo o previamente prometido; a segunda transcrição (ibid.: 68) de quatro versos do poema épico integra-se num novo ponto alto da adaptação em estudo, quando o Adamastor se apresenta; mais uma vez, na página 75, Baco no consílio dos deuses do mar, recorre a uma reprodução de versos da epopeia para reforçar os seus argumentos, justificando a necessidade de perseguir os portugueses; seguidamente, na página 86 transcrevem-se quatro versos em que Camões rejubila com a nossa chegada a Calecute; depois, na página 116, na Ilha dos amores, a voz camoniana ajuda Cupido a recompensar os portugueses pelos muitos trabalhos passados; e finalmente, surge na página 124 a última transcrição do hipotexto, uma invocação à deusa Calíope:

Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, por que em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo (canto X, est. 8, vv. 5 a 8)

Tendo em conta que Alexandre Honrado se encontra a três páginas de terminar a sua adaptação, parece-nos que o tom e o conteúdo desta invocação cansada se adapta aos dois criadores: ao do hipotexto e ao do hipertexto. Subjacente, um sentimento de algum desânimo quanto ao valor da obra criada, assim como quanto à forma como foi transmitida.

De entre os elementos possivelmente fragmentadores da intriga acresce-nos referir a utilização de alguns comentários pedagógicos integrados na linha do textual com a finalidade de ajudar as crianças leitoras a penetrarem mais facilmente o desenvolvimento da história. Estes comentários explicativos tomam sempre a forma de digressão, e se algumas vezes não são muito explícitos na sua intenção clarificadora e informativa, outras vezes são bem directos, parecendo mesmo um complemento artístico para envolver o pequeno público. Como exemplo deste último procedimento, transcrevemos uma passagem da proposição do hipertexto, adaptada livremente⁶ por Alexandre Honrado:

Tudo, neste poema, começa com a famosa frase: as armas e os Barões assinalados... o que é que ele queria dizer? Francamente, o que eu dei voltas à cabeça quando li aquilo pela primeira vez! Acredita: fui perguntar à minha avó o significado! Ela, felizmente, sabia (...).

Afinal, o que ele queria era dizer que aqui, na Península Ibérica, no fim da Europa, de peito encostado ao mar, vivia um povo de marinheiros cheio de vontade de ir mais longe, para ver se em outras terras e paragens podia descobrir glória, riqueza e fama. A vontade era bem definida, aliás: encontrar um caminho marítimo para a Índia (...) (ibid.: 11).

Outras vezes o lado didáctico do texto de Alexandre Honrado é apresentado sem disfarces, como acontece no cap. 3 (ibid.: 35), em que o autor do hipertexto decide explicar o sentido de diversos lexemas, fundamentais para a compreensão da nomenclatura crítico-literária:

Sempre que se falava d'Os Lusíadas (...) acorriam logo palavras e palavrinhas que se me afiguravam fantásticas, impenetráveis, misteriosas.

Uma delas era a palavra épica, um substantivo feminino cujo oculto significado a minha avó se incumbiu de revelar:

Chama-se épica ao género poético que narra em estilo elevado feitos heróicos de personagens históricas ou lendárias”.

Seguem-se definições dos vocábulos ‘lírico’, ‘epopeia’, ‘mitologia’, ‘proposição’, ‘invocação’, ‘dedicatória’, ‘narração’, para terminar com um esclarecimento sobre o Herói do texto:

“Camões mostra-nos um herói sem força – pelo menos sem a força que conhecemos em outros heróis – , Vasco da Gama, que está nas mãos dos deuses. O

⁶ O lado convencional e epocal da proposição levou a que a maioria dos escritores/adaptadores a refizessem com grande liberdade. A excepção surge nas versões ilustradas, ou mesmo em banda desenhada, que se mantêm mais fiéis ao hipotexto.

grande herói, porém, é um herói colectivo: o povo português (ibid.: 37).

Apesar da estrutura aparentemente fragmentária de *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas*, provocada pela inserção dos elementos constitutivos supracitados, o hipertexto de Alexandre Honrado não é sentido pelo leitor como um texto em desagregação, mas em que paradoxalmente os recursos analisados funcionam como reforços de unidade e homogeneidade. Aliás, podemos mesmo dizer que tanto as quadras populares, quanto as transcrições integrais, quanto as digressões informativas são processos superlativos integrados em momentos vários do desenvolvimento da narrativa, com a finalidade de sinalizar incidentes importantes, ajudando o pequeno leitor a compreender a profundidade dos acontecimentos narrados. Por esta razão, apesar de permanecerem como recursos literários destacáveis, participam na unidade do texto, enfatizando os laços entre o leitor, o texto criado e os respectivos criadores: o mais próximo, Alexandre Honrado e o mais distante, Luís de Camões que permanece também sempre presente.

Aliás, com o desenrolar da viagem para a Índia, Alexandre Honrado foi-se posicionando cada vez mais como um intérprete, ou melhor, como um tradutor para a criança actual da mensagem gloriosa do grande poeta épico do século XVI. Como temos vindo a defender, uma leitura de *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas* revela-nos um texto narrativo bem construído, muito dinâmico, em que processos de selecção, ou mesmo de aparente fragmentação narrativa, contribuem para a coesão e coerência orgânicas do texto, assim como para garantirem uma informatividade adequada à intenção explícita do autor/adaptador: possibilitar às crianças a compreensão e a leitura participada de um texto (o hipotexto) considerado como muito difícil, e portanto desajustado, para as camadas etárias mais jovens.

O assunto a ser desenvolvido é a viagem de descobrimento do caminho marítimo para a Índia, tendo Alexandre Honrado introduzido, apenas como subtemas, tópicos ligados à mitologia, à História de Portugal, assim como às meditações filosóficas de Camões. Também passa a ocupar uma posição secundária a referência ao eixo da fundação da nacionalidade, e por isso são suprimidos diversos episódios do hipotexto, como os de Egas Moniz, do velho do Restelo, etc., que tendo a ver com a definição de conceitos de honra antiga, de «vã cobiça», de relação entre conquistador/conquistado, das virtudes/defeitos do soldado português, da formação moral do navegador, introduziam no texto dedicado às crianças, ambiguidades lesivas ao Herói colectivo, causando um possível estranhamento do leitor. Com efeito, e já que a obra é assumida como texto da Literatura Infante-juvenil, a noção de Herói, com os respectivos atributos de bondade, inteligência, bravura, justiça e generosidade encontra-se subjacente a qualquer incidente da história, não necessitando de ser clarificado, mas certamente devendo ser respeitado.

Além da amputação de alguns episódios, Alexandre Honrado procedeu também à supressão por cortes, especialmente reduzindo as marcas da linguagem literária epocal; por isso, omitiu muitas das figuras de estilo existentes no hipotexto camoniano, consideradas como redundantes para um leitor do século XXI. Afinal, para a criança actual, esses recursos formais dificilmente podem ser apreciados, porque sentidos como obsoletos e incompreensíveis. Essa expurgação estilística da narrativa hipertextual permitiu a Alexandre Honrado criar o espaço de alargamento do texto através de diálogos, transformando tiradas do hipotexto, ou mesmo episódios narrativos, em momentos conversacionais, originando situações filmicas, em que a população indígena e os navegadores portugueses trocam ideias, argumentam, justificam-se, tudo em discurso directo. Exemplificamos, transcrevendo uma passagem do capítulo 7, quando os portugueses se encontram com Monçaide (*Os Lusíadas*, est.24 a 31):

(...)- O que me espanta é essa viagem. Isso é cheio de perigos, de armadilhas, de voltas que a natureza dá e nós sem nada poder fazer dela.

- A quem o dizes, ó Monça.

- Monçaide.

- Pois bem, fica sabendo que nós não viemos de tão longe para ficar para aqui na cavaqueira, mesmo que seja amena e agradável.

- Ao que vieram?

- A tudo e a mais uns pedaços, logo o saberás se vieres a sabê-lo.

- Já agora...

- Ou mesmo mais tarde. Trazemos uma mensagem do rei de Portugal para o rei de aqui mesmo.

- Aqui mesmo é Calecute, Índia (...) (ibid.: 88/89).

O recurso à amputação de episódios, ou mesmo à supressão de alguns elementos constitutivos do texto camoniano, servem apenas para complementar o procedimento narrativo dominante desta adaptação hipertextual de Alexandre Honrado: a utilização da condensação ou resumo. É resumido o consílio dos deuses no Olimpo, é resumida a nossa passagem em Moçambique, é resumida a História de Portugal, é abreviada a referência a fenómenos marítimos e ao encontro com o Adamastor, é condensada a presença de Baco no Consílio dos deuses marinhos, são condensadas as nossas intervenções no oriente, a nossa recompensa na Ilha dos Amores, os nossos feitos gloriosos no Império oriental. No essencial, podemos dizer que uma grande parte d'*Os Lusíadas* de Camões está presente nesta adaptação de Honrado, através de simples menção, de resumo quase sumário, ou então de resumo um pouco mais extenso, representando um texto condensado.

Como exemplo de resumo/sumário transcrevemos na versão de Honrado a descrição «das perigosas cousas do mar que os homens não entendem» (*Os Lusíadas*, canto V,

est.16 a 22):

- Atravessámos o Equador, onde o céu muda de estrelas, o mundo parece virado ao contrário. Enfrentámos Éolo...
- Quem é esse?
- O rei dos ventos!
- Sendo assim...
- Vimos santelmo!
- E esse?
- É um lume que parece vivo e corre a superfície do mar, como uma alma ateadada, um fogaréu de meter medo.
- Calculo, safá!
- Vimos as nuvens a rodopiar e a beber a água, como se fossem um abismo atirado ao céu e cheias de sede.
- Terrível.
- E as chuvas mais tremendas e as calmarias mais dolentes...
- Que aventura!
- Eu não te dizia? Não se trata de uma aventura qualquer mas da maior das aventuras: a de um povo a fazer-se ao largo maior da sua história (...) (ibid.: 65/66)

Contudo, e como já referimos, os resumos dos diversos episódios não mantêm todos a mesma extensão: alguns alongam-se um pouco mais, permanecendo na narrativa como momentos estáticos, que servem para suspender o ritmo da narração. Realmente, sentimos que estes momentos mais tranquilos ajudam o pequeno leitor a concentrar-se nas passagens mais difíceis deste hipertexto do poema camoniano, compreendendo algumas das suas inferências e mesmo aproximando-se das implicaturas do texto original.

Estes resumos mais alongados do hipertexto de Honrado não denotam necessariamente uma focagem nos episódios que Camões mais destacou na sua epopeia, antes, revelam um mecanismo de selecção de cenas, que o adaptador sentiu como eticamente mais adequadas ao público infantil. Por isso, e exemplificando, no consílio dos deuses do Olimpo, o que é posto em relevo por Alexandre Honrado é a conversa entre pai (Júpiter) e filha (Vénus), em que se notam as preocupações de um pai com o bem estar e a felicidade da filha respectiva, assim como se documenta um diálogo centrado no amor, na confiança e mesmo em alguma intimidade afectiva; a mesma cumplidade acontece, aliás, na narração histórica de Vasco da Gama ao rei de Melinde, em que os dois intervenientes «se despedem com as memórias mais ricas, e a amizade como lastro» (ibid.: 68).

Contudo, o momento desta adaptação actualizada, em que mais se vislumbra o escritor de Literatura Infanto-juvenil, é no episódio dos Doze de Inglaterra,

apresentado como o trecho mais longo desta versão (6 páginas). Nessa passagem do hipertexto, em que Veloso nos conta uma história de cavalaria (ibid.: 75 a 81), são destacados não só os princípios éticos, mas também se insiste no bélico ao serviço da justiça. Com efeito, se tivéssemos de indicar um único episódio como o centro desta nova adaptação teríamos de referir este mesmo, visto que aqui confluem noções essenciais de amor e de amizade, concepções épicas da vida, conceitos heróicos de valentia ao serviço da justiça, assim como a noção do interesse individual subordinado ao interesse colectivo. Além disso, o episódio surge com uma significação alegórica, familiar ao mundo da criança, para quem as histórias e contos servem para documentar comportamentos e princípios éticos fundamentais, justificativos da actuação do ser humano. No hipertexto em estudo é o conteúdo heróico e nobre dos Doze de Inglaterra que funda e articula o sonho e a aventura da viagem para Índia e que traduz um sentimento colectivo e perpétuo de heroicidade, que impõe uma aprendizagem desses mesmos princípios nas gerações actuais: por isso, os jovens leitores em geral, como os alunos do projecto pedagógico de Alexandre Honrado, são igualmente «descobridores», podendo continuar «a dar novos mundos ao mundo»⁷.

Concluimos, defendendo que a conjugação dos conteúdos com a linguagem utilizada, converte *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas*, numa excelente obra da Literatura Infanto-juvenil portuguesa contemporânea. Além disso, através dessa conjugação sentido/forma veiculam-se plenamente as intenções do autor/adaptador, empenhado em fornecer uma preparação inicial ao pequeno leitor, abrindo-lhe as portas para uma posterior leitura mais aprofundada da epopeia camoniana: «Chegou a altura de contar a épica façanha dos descobrimentos com uma linguagem que os mais novos entendam – que seja a sua, solidificando os seus valores», explica Alexandre Honrado⁸.

Finalmente, insistimos em que a presença de diversos elementos fragmentários – quadras populares, versos de Camões, digressões pedagógicas – não quebram a unidade essencial do texto, enfatizando algumas cenas sem interferir profundamente na linha da viagem a decorrer: uma viagem que tem lugar num espaço e num tempo específicos, os da descoberta do caminho marítimo para a Índia, mas cujo sentido profundo se projecta no imaginário colectivo português, moldando outras viagens de sucessivas gerações nacionais, impelindo-as para novas descobertas, tanto exteriores quanto interiores.

Bibliografia

⁷ Palavras do próprio Alexandre Honrado, introduzidas na Dedicatória de *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas*.

⁸ Esta explicação de Honrado encontra-se na contracapa da obra, e tem por finalidade aguçar o interesse do pequeno leitor.

- BAKHTIN, M.M. (1981). «Epic and the Novel». In *The Dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press.
- BARROS, J. (1978). *Os Lusíadas de Luís de Camões, contados às Crianças e lembrados ao Povo*. 50ª edição. Lisboa: Sá da Costa.
- CAMÕES, Luís (1970). *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora.
- CERVERA, J. (1992). *Teoría de la Literatura Infantil*. Bilbao: Ediciones Mensajero.
- FRYE, N. (1976). *The Secular Scripture: A Study of the Structure of Romance*. Cambridge: Harvard University Press.
- GENETTE, G. (1989). *Palimpsestos*. Madrid: Taurus.
- GIL, F.& MACEDO, H. (1998). *Viagens do Olhar*. Porto: Campo das Letras.
- HONRADO, A. (2002). *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas*. Lisboa: Negócio d'Ócio.
- JAMESON, F. (1981). *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act*. Ithaca: Cornell University Press.
- SÉRGIO, A. (1940). *Luís de Camões, os Lusíadas*. Lisboa: Sá da Costa.
- VICKERY, J. (1966). *Myth and Literature*. Lincoln: University of Nebraska Press.

Resumo: Pretendemos apresentar a última adaptação d'*Os Lusíadas* de Luís de Camões, elaborada pelo escritor Alexandre Honrado, que, na obra *Eu curto... eu gosto dos Lusíadas*, cria uma nova versão da epopeia para o leitor infantil do século XXI. Esse objectivo de Honrado permanece subjacente a toda a construção do novo texto e revela-se em alguns traços paratextuais, mas sobretudo numa organização intratextual específica: recorrendo à fragmentação, à condensação, e mesmo à supressão de passagens do texto original, o autor cria espaço para proceder a uma alteração do texto primeiro, «modernizando-o».

Abstract: We discuss the latest adaptation of Camões's *Os Lusíadas*, created by the writer